

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM PELA CRIANÇA ATRAVÉS DA ESCRITA

Karen Evelin Bez e Sandra Lago

RESUMO[®]

O presente trabalho tem por objetivo analisar a história escrita de um aluno da terceira série do Ensino Fundamental, com o intuito de se observar alguns desenvolvimentos relacionados à aquisição da linguagem pela criança. Para tanto, faremos uso de teorias que foram estudadas em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem infantil, interação social, escrita

INTRODUÇÃO

Em meio a uma verdadeira avalanche de estudos empíricos sobre o desenvolvimento da linguagem que vêm se sucedendo no decorrer das duas últimas décadas, é possível constatar a presença de tendências teóricas mais ou menos consolidadas, pontos de vista mais ou menos ampliados, mas que em seu conjunto, no entanto, supõem o avanço e marcam certas diferenças com os postulados iniciais do movimento psicolinguístico.

Os estudos da aquisição da linguagem têm tratado de recuperar, embora lentamente, ao sujeito que fala, a criança que age. Ao invés de se ter por objeto de estudo a linguagem enquanto sistema abstrato de signos, há uma tendência a estudar-se atividade verbal de pessoas e indivíduos ou da coletividade.

1. Teorias sobre a aquisição da linguagem

O modo pelo qual se adquire a linguagem é alvo de intriga e curiosidade do homem há muitos anos. Apesar da evolução significativa do conhecimento da espécie humana, ainda hoje o homem questiona-se sobre como uma criança é capaz de adquirir a linguagem em um intervalo de tempo relativamente curto. Para responder essa questão estudos foram realizados e três teorias sobre a aquisição da linguagem ganharam destaque: a behaviorista, a inatista e a cognitivista.

Em relação à hipótese behaviorista ou comportamentalista, a criança, ao nascer, é uma "tábula rasa" totalmente em branco e adquire a linguagem através de estímulos e respostas, e também pela imitação e reforço. Os behavioristas acreditam que através de estímulos e respostas, os pais e mestres

moldam o comportamento lingüístico da criança em desenvolvimento, porque os bebês têm maior probabilidade de falar a seus pais quando estes começam a lhes falar. O reforço, então, é visto como um fator positivo e decisivo na aquisição da linguagem. Quem mais se destacou na defesa dessa teoria foi Skinner.

Skinner (1957), psicólogo cujo trabalho foi o mais influente no behaviorismo, parte de pressupostos tanto metodológicos (como ênfase na observabilidade de manifestações comportamentais, externas, mensuráveis, da aprendizagem) quanto teórico-epistemológicos (como a premissa da inacessibilidade à mente para se estudar o conhecimento, postura contrária à mentalista e idealista nas ciências humanas) e propõe, então, enquadrar a linguagem (ou "comportamento verbal") na sucessão e contingência de mecanismos de estímulo-resposta-reforço, que explicam o condicionamento e que estão na base da estrutura do comportamento. (SCARPA, 2001, p. 206)

No entanto, hoje essa hipótese não é mais aceita porque ela não soube explicar como as crianças, às vezes, dizem coisas que nunca haviam ouvido antes. Essa teoria ignora que uma criança pense sobre a língua lançando alternativas perante o que está em sua volta.

Para a hipótese inatista, a linguagem é inata, ou seja, a criança nasce com capacidades/dispositivos inatos para adquirir a linguagem que é própria da espécie. Entre os defensores dessa teoria destaca-se Noam Chomsky. Ele deixa claro em seus estudos que a criança antes de pronunciar suas primeiras palavras, já conhece os princípios da linguagem e as utiliza para aprender a gramática de sua própria língua.

Chomsky adota uma postura inatista na consideração do processo por meio do qual o ser humano adquire a linguagem. A linguagem, específica da espécie, dotação genética e não um conjunto de comportamentos verbais, seria adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato, inscrito na mente. [...] Os enunciados produzidos pelo falante e as próprias línguas do mundo são manifestações da faculdade da linguagem. Assim, a criança que aprende a sua língua nativa é uma imagem a que Chomsky retorna repetidamente, desde seus primeiros escritos, de maneira que se torna difícil discriminar sua teoria da linguagem de

sua visão da aquisição da linguagem. (SCARPA, 2001, p. 206 e 207)

O ato de falar ocorre naturalmente como qualquer outro conhecimento adquirido pela criança. Atualmente essa teoria também não é bem vista pelos pesquisadores da área, pois não consideram o conhecimento da língua igual a qualquer outro conhecimento adquirido pela criança.

No entanto, uma das teorias mais aceitas hoje é a hipótese cognitivista de aquisição da linguagem, a qual é adquirida em parte pelo desenvolvimento cognitivo. Essa hipótese cognitivista defende a idéia de que a criança começa tendo uma compreensão do mundo que a cerca, e busca meios lingüísticos para expressar essa compreensão não lingüística do ambiente em sua cognição.

A importância do desempenho cognitivo para o desenvolvimento da linguagem está sendo cada vez mais reconhecida, dando-nos a idéia de que as crianças só têm condições de entender as estruturas lingüísticas, quando a sua capacidade cognitiva permite. Essa teoria está ligada ao conceito de linguagem como interação.

2. Aquisição da Linguagem e interação social

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, e, na maioria das vezes, é efetuada explicitamente pelos pais através de instruções verbais durante atividades diárias, assim como através de histórias que expressam valores culturais.

Através da linguagem podemos dizer que a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras, adquirindo os conhecimentos de sua cultura. À medida que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial incluindo a visão e audição se torna mais refinado e ela alcança um nível lingüístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende, principalmente quando ela entra para a escola e tem maior oportunidade de interagir com outras crianças. De acordo com Carton (1992), quanto mais cedo a criança se desenvolve nas relações sociais, mais benefícios obterá a curto ou longo prazo, tendo em vista as experiências e aprendizagens que resultam de tais interações.

Observaremos através de uma história relatada por um menino, a relação entre o processo de aquisição da linguagem, e a influência do meio social e principalmente dos pais. A criança escolhida para nossa pesquisa foi um menino de nove anos, que está

cursando a terceira série do Ensino Fundamental, chamado Pedro. Escolhemos esse menino porque ele sempre chamou a atenção de uma das pesquisadoras. Desde os seus primeiros anos de vida foi uma criança super ativa, começou a falar muito cedo e tem uma memória muito boa. Um exemplo disso é quando nos primeiros anos de vida, ao enxergar certas pessoas e ouvir seus nomes em breves encontros, ele conseguia balbuciar o nome das mesmas.

É, no entanto, por conhecer este menino desde pequeno, e sua família, que acreditamos ser interessante fazer o trabalho proposto pela disciplina com a referida criança.

Ao conversarmos com seus pais, ela uma dona-de-casa e ele um funcionário público, constatamos que seus principais objetivos em relação ao filho é o de dar uma excelente educação, para que ele possa, futuramente, construir sua vida com dignidade e menos dificuldades do que seus pais passaram para poderem estudar. Assim, o que eles podem propiciar para que o menino obtenha uma boa educação e adquira cada vez mais curiosidade pela vida é possibilitar ao menino o acesso a revistas (das mais variadas, como infantis e culturais); os pais possuem assinatura do jornal Zero Hora, em que Pedro adora observar e “ler” a coluna esportiva e o informe econômico, o qual possui em uma de suas páginas, piadas e charges. Além desses, Pedro tem acesso à televisão e ao seu videogame. Reuniões em família e festa com os amigos é algo muito comum nesta casa, propiciando a Pedro sempre estar rodeado de pessoas das quais ele gosta.

Ao conversarmos e observamos essas condições, perguntamos aos pais de Pedro se ele aproveitava bem esses meios comunicativos, como também interativos, ou se ele não ligava muito. Sua mãe, muito orgulhosa, começou a responder dizendo que Pedro sempre teve horário para seus estudos e para seu lazer e nunca reclamou de cumpri-los, e acrescentou: “Ele sempre gostou de estudar, desde bem pequeno. Naquela época nós não tínhamos condições nenhuma para darmos todos esses meios educativos que ele possui agora”, e complementa “Não é preciso viver e nem conviver com pessoas de um meio social de nível alto, ser rico, ter boas condições financeiras, para poder dar uma boa educação para seu filho, mas sim depende muito da relação afetiva dos pais para com os filhos e, principalmente, da vontade da criança de aprender e ser curiosa para as coisas do mundo”.

Para o presente trabalho, foi escolhido um texto somente com imagens, retirado do livro **Bruxinha Atrapalhada** (anexo 1). Nele, a autora utiliza uma linguagem não-verbal, somente figuras. É um jeito direto de contar histórias, onde a gente vê a ação,

como vê as coisas no mundo. É um texto para quem ainda não aprendeu. Daí a relevância em escolhê-lo para que Pedro redigisse a sua própria história.

Preferimos que Pedro escrevesse a história (anexo 2) a nos contar, visto que, ele está na terceira série e já sabe, praticamente, ler e escrever. Conforme Magda Soares, no texto *Aprender a escrever, ensinar a escrever* "Apropriar-se do sistema de escrita é uma das faces do aprender a escrever; outra face é o desenvolvimento das habilidades de produção do texto escrito".

Ele inicia a história com o mesmo título que está na original, não inventa um novo título para a sua. No decorrer do seu relato, notamos que Pedro possui uma excelente criatividade. Um exemplo disso é quando ele inventa as palavras mágicas para transformar a tartaruga em banquinho "Casca de melão pelo de gatinho faça essa tartaruga virar um banquinho"¹.

Outra ressalva diz respeito ao nome da bruxa. Ele também se utiliza do nome da bruxa da história, não dá um novo nome a ela. Isso se deve ao fato de que Pedro manuseou o livro e, provavelmente, não quis mudar o nome dela, achando que esse nome, como o título da história, não poderiam ser alterados, ou porque, simplesmente era mais fácil copiar.

O menino provoca alguns equívocos quando escreve sua história. Equívocos esses, naturais de um menino de nove anos, estudante de uma terceira série do ensino fundamental, tais como: "conseguiu, coseguiu, faça, doque, banço". Porém, nenhum desses equívocos compromete o entendimento da história, ao contrário, a história é bem compreensível e muito irreverente.

Cabe ressaltar que Pedro ainda não deve ter aprendido acentuação, ou a falta de atenção fez com que o mesmo esquecesse os acentos de algumas palavras. São poucas as palavras acentuadas, mas vale reafirmar que isso não influi para a compreensão do texto. Segundo Magda Soares na "escrita espontânea", a criança usa as palavras de que necessita, para realizar sua intenção de narrar; "erra", mas seus "erros" permitem conhecer o processo pelo qual está se apropriando do sistema de escrita. (p. 55)

Pedro, também, ao que tudo indica, não aprendeu ainda as regras de uso de vírgulas. Em um único momento ele a utilizou em seu texto, foi quando ele repetiu a palavra "esticou". O uso de vírgula, para ele, só deve ser usada para separar palavras que se repetem.

Notamos que ele, ao escrever a história, dá um nome somente ao gatinho "Filó", diferentemente do

outro animal – a tartaruga –. Pedro, simplesmente, a chama de tartaruga. Pode ser que isso tenha ocorrido devido à presença do gatinho desde o início da história. A tartaruga aparece depois e, ainda, torna-se um banquinho. O gatinho é companheiro da bruxinha até o final da história, sendo um elemento mais importante que a tartaruga.

Uma característica principal da narração de Pedro fica por conta das falas da bruxinha atrapalhada. Para introduzir as suas falas, utiliza os dois pontos e inicia a frase falada por travessão, tudo isso dentro de uma norma já estabelecida, com certeza, pela escola.

Tudo isso reflete a busca de comunicação por parte de Pedro. Ao ser solicitada uma história, prontamente a escreveu da melhor maneira possível para que possa ser entendido. Segundo as palavras de Lúcia Rego "[...] ela (a criança) necessita ter noção de que a escrita é uma forma de comunicação. A familiaridade, portanto, da criança com determinados usos da escrita é de fundamental importância" (p. 127)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somente o homem possui o dom de uma verdadeira linguagem, o que lhe permite, não só a comunicação com seus semelhantes (a linguagem exterior) como a linguagem capaz de garantir o seu pensamento e a sua consciência (a linguagem interior). Como o homem adquire essa linguagem, continua sendo um mistério. O homem, pelo pensamento, pela reflexão, pelo poder de abstração e de ideação, eleva-se na série animal. Através da linguagem, comunica-se com seus semelhantes e isto se deve ao desenvolvimento cerebral.

Com isso, do estudo feito sobre aquisição da linguagem, concebe-se que: a capacidade de aprender depende de numerosos fatores e obedece a certas estruturas básicas, a partir de elementos adquiridos e assimilados anteriormente. Por este motivo, quanto maior é a experiência da criança, maior será sua capacidade de aprender. Além da experiência e do meio social, muitos outros fatores influenciam a capacidade de aquisição da linguagem pela criança como: os fatores biológicos, fisiológicos e psicológicos, que desenvolvem-se paralelamente à evolução da criança, desde sua forma mais simples até a mais complexa e elaborada. Também, o contato dos pais com a criança, o diálogo sereno, o dar-lhe oportunidade de se expressar, de se exprimir, é das melhores coisas que podem ser oferecidas à criança em fase de aquisição da linguagem.

Crianças que convivem em um meio social onde existe uma total interação entre ela e as pessoas do meio que as envolvem e as auxiliam, acabam adquirindo e, ao mesmo tempo, desenvolvendo a sua linguagem um pouco mais rapidamente que as demais crianças que não usufruem do mesmo meio. A criança que ouve mais é possuidora de um maior número de informações com as quais pode operar e transformar em ferramentas. Segunda Lúcia Rego, em seu texto *Descobrimo a língua escrita antes de aprender a ler: Algumas Implicações Pedagógicas*, “É usando, portanto, a língua enquanto instrumento de comunicação que a criança descobre enquanto sistema” (p. 105). Isso pode ser ainda mais instigado quando a criança conversa sobre tópicos de seu interesse, pois a ela, propicia deste modo, um maior objetivo a desenvolver e a progredir a sua linguagem, tanto na oral como na escrita.

Contudo, as expectativas iniciais foram superadas. A escolha da história e de Pedro culminaram num trabalho proveitoso, interessante e nada cansativo. Além disso, ressaltamos a importância da presença dos pais, no que diz respeito ao ensino e desenvolvimento da aquisição da linguagem só tem a melhorar quando ela é estimulada pela família.

Nas palavras de Rego “[...] se por um lado a criança é um organismo pré-adaptado para a tarefa de aquisição de linguagem, por outro lado, o seu ritmo de desenvolvimento pode ser afetado pela quantidade de linguagem a que esteja exposta e pela qualidade da interação adulto-criança” (p. 105). Há boas razões para afirmarmos que a aquisição da primeira língua é a maior façanha que podemos realizar durante toda a vida. Explicar essa façanha é, hoje, considerado uma das tarefas centrais da lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELLIOT, A. **A linguagem da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- GARTON, A. F. *Social interaction and the development of language and cognition*. Hillsdale, USA: Lawrence Erlbaum, 1992.
- KATO, Mary A. (org) **A concepção da escrita pela criança**. 2. Ed. São Paulo: Pontes, 1992.
- LANGACKER, Ronald W. **A Linguagem e sua estrutura**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- LUQUE, A. & Villa, I. Aquisição da linguagem. In C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi Orgs. **Desenvolvimento psicológico e educação** (Vol. 1, pp. 149-164). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- SCARPA, Ester Mirian. *Aquisição da Linguagem. Introdução à lingüística*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SOARES, M. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In ZACCUR.

ZACCUR, E. (org) **A magia da Linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

NOTAS

² Trabalho apresentado pelas alunas do sétimo semestre do Curso de Letras, Karen Evelin Bez e Sandra Lago, à disciplina de Psicolingüística, como requisito parcial de avaliação, sob orientação da Prof^a Máisa Augusta Borin.

¹ Essa é a transcrição literal da história que Pedro escreveu

ANEXO 1



